

Teimosia tucana atrapalha FH

■ Insistência do PSDB em ter candidatos a governador em estados nos quais o partido não tem chances eleitorais irrita o Planalto

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso está enfrentando uma dificuldade adicional na montagem dos palanques de apoio à sua candidatura nos estados: o PSDB, seu partido, está criando problemas de composição para os aliados e insistindo no lançamento de candidaturas próprias aos governos estaduais mesmo quando elas não têm viabilidade eleitoral.

Os tucanos, ao contrário dos demais aliados, não estariam atuando para unir o palanque da reeleição de Fernando Henrique Cardoso. As candidaturas do líder do governo no Senado, José Roberto Arruda, no Distrito Federal, e do senador Carlos Wilson, em Pernambuco, são alguns dos equívocos que estariam sendo cometidos.

“São candidaturas sem viabilidade eleitoral e que ajudam os candidatos de oposição ao governo no confronto com os aliados”, diz um assessor do presidente. “O PSDB está de salto alto e esta posição está criando inúmeros conflitos.”

A candidatura de José Roberto Arruda para o governo de Brasília é a que mais irrita o Palácio do Planalto. O candidato ao Senado na chapa do líder governista é o deputado Augusto Carvalho, do PPS, que faz oposição ao governo. Além disso, para se viabilizar Arruda abriu seu palanque para a candidatura presidencial de Ciro Gomes.

“Em decorrência da mudança do quadro eleitoral não se pode dar tempo no rádio e na televisão para Ciro Gomes”, comenta um ministro. “É o tipo de postura que prejudica a candidatura à reeleição de Fernando Henrique.”

Para o governo, o melhor seria que o PSDB apoiasse a candidatura do ex-governador Joaquim Roriz, do PMDB, e formasse uma grande frente política para derrotar o governador Cristovam Buarque, do PT.

Esse também é o quadro em Pernambuco. Lá, todos os esforços foram feitos para que o PSDB apoiasse a candidatura do ex-prefeito de Recife Jarbas Vasconcelos, do PMDB. Até o PFL deu seu apoio à aliança para derrotar o governador Miguel Arraes, do PSB.

Contraponto – A costura feita pelo falecido deputado Luís Eduardo Magalhães é usada como contraponto ao comportamento que os tucanos adotam em muitos estados. Mesmo sendo o preferido nas pesquisas e filho do senador Antônio Carlos Magalhães, maior líder político da estado, Luís Eduardo não precisava do apoio do PSDB para se eleger. Em nome da aliança nacional, porém, procurou o PSDB baiano, pediu apoio para a sua candida-

tura e conseguiu fazer um acordo com todos os tucanos, à excessão de Juthay Magalhães Junior, ex-ministro da Ação Social no governo Itamar Franco.

A avaliação entre os auxiliares de Fernando Henrique no Palácio do Planalto é que os tucanos esquecem que devem o crescimento partidário ao presidente da República. É comentário corrente no palácio, segundo o relato de assessores muito próximos do presidente, que sem a candidatura Fernando Henrique, em 1994, o PSDB não elegeria 62 deputados e que sem o governo Fernando Henrique a bancada não chegaria aos atuais 94 deputados. É por essas e outras que cresce a irritação com o PSDB do Maranhão, que está negociando o apoio à candidatura do senador Epiácio Cafeteira, do PPB.

“O presidente tem compromisso com o senador José Sarney”, diz um ministro. Para os integrantes do governo é inadmissível a postura dos tucanos locais de não se aliarem à governadora Roseana Sarney.

O presidente e seus auxiliares também parecem não entender os tucanos catarinenses. Para apoiar a candidatura do senador Esperidião Amin, do PPB, o pessedebistas põem como condição uma vaga na chapa majoritária (governo e senado).

Esta exigência é considerada descabida pois o PSDB é pequeno em Santa Catarina e, além do mais, o PPB apóia Fernando Henrique Cardoso sem integrar a chapa presidencial.

A tentativa da direção nacional do PSDB de fazer a convenção, para oficializar a candidatura Fernando Henrique, fora de Brasília e num dia diferente dos demais aliados, também é citado como exemplo das incompreensões tucanas.

Foi preciso que o PMDB e o PFL reclamassem para que os tucanos recuassem. Não é diferente a reação no Palácio do Planalto diante da articulação que pretendia realizar a convenção do PSDB em Belo Horizonte.

A proposta foi interpretada como sendo uma forma de fortalecer a candidatura à reeleição do governador Eduardo Azeredo, em detrimento dos interesses políticos do presidente da República.

A tática eleitoral de Fernando Henrique Cardoso, nesse momento, não prevê nenhum ato de hostilidade à candidatura do ex-presidente Itamar Franco ao governo de Minas Gerais.

Os estrategistas do Planalto querem Itamar ao lado de Fernando Henrique e trabalham para evitar que o ex-presidente faça uma campanha de oposição e abra seu palanque para Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, ou Ciro Gomes, do PPS.